

De volta ao futuro da língua portuguesa.

C'cu'f'q'X'UJO GNR'/'Uko r »ukq'O wpf kcrif'g'Guwf qu'f'g'N'pi vc'Rqt wi wgc

Simpósio 37 - Estudos do léxico e de dicionários e ensino de português, 3853-3874

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3853

<http://siba-ese.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

O REGISTRO DA PRONÚNCIA NOS DICIONÁRIOS *AURÉLIO* E *HOUAISS*

Maritana Luiza ONZI⁶

RESUMO

Com este trabalho pretendemos cooperar com o estudo da Lexicografia no Brasil e abordar um assunto ainda pouco estudado na literatura metalexigráfica: a informação sobre a pronúncia nos dicionários. Ainda que a principal função dos dicionários seja a de relacionar uma série de palavras de um idioma e oferecer seu significado é sabido que os consulentes esperam muito mais desse tipo de obra. Além do significado os usuários desejam encontrar nos dicionários a maior quantidade possível de esclarecimentos gramaticais. Dado que a pronúncia está entre as indicações que fazem parte dos dicionários, nosso trabalho tem como objetivo analisar a informação fônica em dois dicionários do português: 1) Dicionário Aurélio da língua portuguesa; 2) Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Como metodologia de análise observamos: 1) de que maneira a informação fônica é descrita no *outside matter*; 2) qual sistema de notação é utilizado para anotar a pronúncia; 3) se os dicionários apresentam as variantes existentes no português brasileiro. Nos dois dicionários analisados, verificamos se os mesmos conseguem fornecer ao consulente de forma clara e satisfatória as informações que ele busca quanto à pronúncia, pois nem sempre a maneira como as indicações da pronúncia aparecem dentro da microestrutura ajudam o consulente a localizar rapidamente a informação desejada e, em muitos casos, não permite nem mesmo que o consulente entenda que tipo de informação está sendo oferecida.

PALAVRAS-CHAVE: dicionários; língua portuguesa; pronúncia.

INTRODUÇÃO

A função dos dicionários é muito mais do que ser um repositório de palavras, eles assumem papéis que podem ser pedagógicos e normativos. Normativos porque eles são vistos por grande parte das pessoas como a representação da verdade de uma língua. E pedagógicos porque os dicionários constituem um recurso de pesquisa e ensino ao incorporar aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos das línguas reunidos em um só lugar.

⁶ Orientadora: Profa Dra Ieda Maria Alves. USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Endereço eletrônico: tanaluiza@hotmail.com

O dicionário é uma ferramenta indispensável na aprendizagem das línguas e o aluno deve saber manejá-lo para tirar dele todo o proveito possível, visto que é a ferramenta que conduz o aluno à autonomia, pois no dicionário estão presentes informações gramaticais que auxiliam o consulente no processo da junção das peças do discurso, isto é, de produzir, de compreender e de traduzir em qualquer idioma.

Algumas pesquisas⁷ comprovam que os alunos buscam essa autonomia, porque os resultados dessas sondagens apontam que o dicionário é utilizado pelos consulentes por várias razões, entre elas: procurar o significado de uma palavra, checar a ortografia, verificar a pronúncia e conferir as relações sintagmáticas.

As pesquisas que consultamos registraram que a pronúncia está entre os três itens que os consulentes mais procuram, porém nessas mesmas pesquisas os alunos expressaram a dificuldade em entender os símbolos utilizados nas transcrições (HÖFLING, 2006).

Tanto na linguística quanto na lexicografia as transcrições fonéticas são fundamentais, embora seja uma tarefa demorada, repetitiva e custosa, contribuindo para que erros humanos possam ocorrer natural e frequentemente. Reiteramos essa problemática com a afirmação de Quilis et al. (1999), os quais acreditam que a transcrição da pronúncia, não somente nos dicionários, mas nas obras linguísticas em geral, tem sido um dos obstáculos mais duros que teve e tem que vencer a ciência da linguagem.

Ratificamos a ideia acima com a afirmação de Hulbert (1955 *apud* LANDAU, 1991), que acredita que os dicionários são menos satisfatórios quanto à pronúncia do que quanto à ortografia, significado e etimologia. O registro da língua falada é difícil de adquirir, difícil de transcrever de forma precisa e inequívoca, difícil de representar compreensivelmente em um dicionário.

Com o acima exposto justificamos a pertinência do nosso trabalho e além do mais a informação fônica nos dicionários é um assunto pouco estudado no âmbito dos estudos lexicográficos. Para contribuir com essa área selecionamos nesse estudo duas obras lexicográficas da língua portuguesa: 1) Dicionário Aurélio da língua portuguesa; 2) Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Temos como objetivo analisar a indicação da pronúncia desses dois dicionários e ver se respondem a contento as dúvidas que os usuários possam ter quanto à pronúncia. Como metodologia de análise observamos qual

⁷ Cf., entre outros, ARAÚJO, Edna; HÖFLING, Camila; WELKER, Herbert.

notação os dicionários usam para indicar a pronúncia no componente microestrutural. Em outro componente, denominado *outside matter*, está o guia de pronúncia, faremos uma reprodução parcial dos guias, analisaremos como os dicionários os apresentam, se explicam de forma clara e precisa os símbolos utilizados e se os exemplifica.

Para uma melhor organização, o presente estudo está dividido em quatro sessões: 1) falando sobre as funções dos dicionários; 2) falando sobre a informação fônica nos dicionários; 3) análise dos dicionários: a) Dicionário Aurélio da língua portuguesa; b) Dicionário Houaiss da língua portuguesa; 4) considerações finais.

FALANDO SOBRE AS FUNÇÕES DOS DICIONÁRIOS

O dicionário como vimos anteriormente é para muitos consulentes, o instrumento ao qual se recorre não somente para conhecer o significado das palavras, mas também para resolver incertezas gramaticais. Por esse motivo, fornecer indicações gramaticais é uma obrigação para qualquer dicionário, e a maior razão se deve ao fato do dicionário ser institucionalmente destinado ao público de não especialistas, aos quais resulta útil qualquer tipo de indicação ortográfica, fonética e sintática. Os dicionários podem ser, portanto, um ótimo instrumento pedagógico, pois eles constituem um recurso de pesquisa e ensino por incorporarem os mais variados aspectos de um idioma.

Entre os autores que se voltam ao caráter pedagógico dos dicionários em seus estudos está Béjoint (1981). Esse autor acredita que os aprendizes de uma língua necessitam, em primeiro lugar, de esclarecimentos que os capacitem a uma comunicação mais efetiva na língua que estão aprendendo e eles têm no dicionário uma importante ferramenta a seu dispor, nem sempre perfeita, mas muito útil, que pode levá-los a compreender melhor a abrangência de sentido de uso de uma nova palavra, e propiciar uma produção mais correta e exata na habilidade escrita e oral.

Referentemente à escolha do dicionário no auxílio ao processo de comunicação, Béjoint (1981) ressalta em seu trabalho que, para as atividades de compreensão, o melhor dicionário é aquele que contém o maior número de entradas, e as elucidações necessárias nesse dicionário são o significado denotativo e conotativo, variações de linguagem e indicações sobre as irregularidades dos verbos. Para as atividades de produção, o autor (*idem*) menciona que para a escrita o aluno necessita de informações ortográficas a fim de saber como se escreve uma determinada palavra e como a

dividimos, já em atividades orais as informações fonéticas são fundamentais para se conhecer a pronúncia das palavras.

Desenvolver habilidades de comunicação é um dos principais anseios dos consulentes, os quais necessitam de uma orientação sobre a forma mais apropriada para se expressar em sua língua materna ou em língua estrangeira e o dicionário é um instrumento adequado para satisfazer tal anseio. De acordo com Alves; Antunes (2001) todo dicionário – seja monolíngue ou bilíngue, enciclopédico ou de língua, seletivo ou geral – tem um caráter pedagógico e apresenta, assim, um cunho normativo, já que se atribui ao lexicógrafo o poder de registro a respeito do significado, do uso e do funcionamento de uma unidade lexical.

Se os lexicógrafos se derem conta de que cada verbete pode conter explicações que reflitam, até certo ponto, a competência dos falantes para estabelecer relações entre as unidades do léxico, serão capazes de construir eficientes ferramentas de auxílio no uso da língua. Vistos assim, os dicionários levarão seus consulentes não apenas a compreensão do item consultado, mas ao seu uso efetivo em situações de comunicação.

Em suma, para os aprendizes ou falantes de um idioma, aprender e saber como usar uma palavra tem uma importância didática, psicológica e social. Saber como usar um lexema corretamente envolve aprender para entender e usar sua fonologia, sua gramática, sua morfologia e seu potencial sintático.

O dicionário é uma obra que tem grande potencial para ser elevado à categoria de material didático utilizado durante o estudo de um idioma, em atividades como: desenvolvimento de vocabulário, estudo da gramática, verificação da pronúncia, saber usar a língua na produção e interpretar na recepção, além do conhecimento da cultura. Com todos os recursos e explicitações presentes nos dicionários sendo utilizadas, podemos afirmar que ele se apresenta como uma ferramenta pedagógica, uma obra primordial que auxilia na aprendizagem de uma língua.

FALANDO SOBRE A INFORMAÇÃO FÔNICA NOS DICIONÁRIOS

A equivalência, ou não, entre a grafia e a pronúncia é um argumento bastante questionado entre os autores para o registro da pronúncia nos dicionários. Welker (2004) acredita que, quando um sistema ortográfico se distancia notavelmente do

princípio fonêmico, como na língua francesa e na inglesa, as indicações sobre a pronúncia são imprescindíveis se o elemento léxico não está na competência do falante, seja ele nativo ou não da língua. Svensén (2009) assume que, para as línguas em que existe uma grande diferença entre a ortografia e a pronúncia, o Alfabeto Fonético Internacional (doravante AFI) é o único sistema possível.

Já para línguas como o português, o italiano e o espanhol, Welker (2004) assume que há regras as quais permitem pronunciar adequadamente a grande maioria dos lexemas, pois existe uma maior coincidência entre a grafia e a pronúncia. O autor argumenta que os dicionaristas podem indicar a pronúncia dessas línguas pela ortoépia, usando acentos e letras do próprio alfabeto para indicar a pronúncia somente das entradas que possam gerar dúvidas.

Landau (1991) vê algumas desvantagens em representar a pronúncia pelas letras do alfabeto, porque com frequência elas representam mais de um som, por exemplo, a letra **g** do português pode ser pronunciado com dois fonemas /g/, /ʒ/. E algumas vezes duas letras diferentes representam o mesmo som, por exemplo, as letras **j** e **g** são pronunciadas com /ʒ/.

Devido à ambiguidade ortográfica e fônica das consoantes, Wells (1985) é partidário da utilização do AFI para transcrever a pronúncia nos dicionários, afirmando que o uso dos símbolos fonéticos ajuda resolver tais ambiguidades.

Qualquer que seja o código utilizado para registrar a pronúncia, os dicionários devem atentar para a qualidade do guia de pronúncia, presente no *outside matter*, este tem grande relevância no auxílio aos usuários em responder as suas perguntas sobre os símbolos usados na microestrutura, caso o consulente se depare com algum dado no interior de um verbete que não é entendido, tal elemento poderá ser facilmente recuperada no *outside matter*.

Outro questionamento que é levantado pelos autores é se, nos dicionários, a informação fônica deve aparecer de forma sistemática em todas as entradas ou somente naqueles vocábulos com peculiaridades de pronúncia. Referentemente a isso os estudiosos de lexicografia no Brasil acreditam que a presença da pronúncia é bastante importante, principalmente para os homônimos, os arcaísmos, os regionalismos e os estrangeirismos. (Bevilacqua et al., 2011).

Ainda sobre questão acima, Svensén (1993) defende que a necessidade do registro da pronúncia em todas as entradas varia entre as línguas, por exemplo, no português as não correspondências entre a ortografia e pronúncia são poucas e

sistemáticas, por esse motivo não há necessidade da informação da pronúncia em todas as entradas. No entanto, o autor chama a atenção para a posição do acento na língua portuguesa, que não é previsível em muitas palavras, por isso deve ser mostrado sempre que seja passível de dúvida.

A necessidade de se indicar a pronúncia também varia entre os diferentes tipos de dicionários. Para Svensén (2009), as explicações sobre a pronúncia são indispensáveis nos dicionários que são inteiramente ou parcialmente elaborados para a produção oral, os chamados “dicionários de pronúncia”. Nos dicionários monolíngues a informação fônica é relevante apenas nas entradas que podem causar dificuldades, além de todas as palavras estrangeiras e segundo o autor, nos dicionários bilíngues, a pronúncia deve ser mostrada em todas as entradas.

Da mesma maneira pensam Zanatta; Bugueño Miranda (2008), os quais acreditam que nos dicionários monolíngues não é tão relevante a indicação de pronúncia, pelo menos para a língua portuguesa, já que essa língua tem uma relativa compatibilidade entre a grafia e a pronúncia. Os autores acreditam que a única circunstância em que a transcrição fonética poderia ser funcional em um dicionário geral de língua portuguesa é quando se trata da pronúncia de estrangeirismos, tais como *apfelstrudel*, *know-how*, *stand-by*, *skinhead*, *workaholic*, *paella*, *déjà-vu*, entre outros, pois estes mantêm inalterada a forma ortográfica da língua-fonte. Os autores destacam, ainda, que nesses casos a indicação da pronúncia é fundamental, dado que nem sempre há o mesmo respaldo fônico entre as letras da língua de origem dos estrangeirismos e a língua que os incorpora.

Contrariamente aos autores mencionados acima, Quilis et al (1999), consideram que a pronúncia nos dicionários monolíngues é importante para saber qual é a pronúncia mais adequada das palavra. Essa informação é importante para aqueles que fazem da língua falada sua profissão, como os artistas, locutores, oradores e para todos os estrangeiros que queiram adquirir uma pronúncia correta da língua em estudo.

Em todos os idiomas ocorrem variações de pronúncia e uma das questões fundamentais de todos os dicionários é o modelo de pronúncia que deve estar representado em suas páginas.

Na língua portuguesa as variações são bastante comuns. Sendo assim, o lexicógrafo tem que determinar qual variante deve ser usada na transcrição. Welker (2004) acredita que deve ser escolhida a representativa da fala das pessoas letradas, por se tratar de uma pronúncia-padrão. Entretanto, no caso do Brasil, não existe uma

pronúncia estabelecida como *standard*, o que torna os dados fornecidos pelos dicionários não completamente representativas da realidade.

De acordo com Zanatta; Bugueño Miranda (2008), o dicionário deve tomar como base a língua realmente empregada por uma comunidade linguística, isto é, a norma real. A dificuldade que se apresenta, sobretudo para o português brasileiro, se assenta sobre o fato de não existirem estudos que permitam estabelecer uma determinada norma real a ser convertida em norma ideal pelo dicionário, a fim de satisfazer o anseio normativo dos falantes apresentando-lhes o que de fato constitui a língua portuguesa empregada no Brasil. Para a instauração de uma teoria da norma ideal a ser representada na obra lexicográfica, é de fundamental importância estabelecer onde buscar uma norma que possa ser empregada como norma ideal.

A distinção entre norma real e norma ideal é estabelecida por Coseriu (2004). A norma real é a que a comunidade realiza de fato, considerando variáveis diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas. A norma ideal é a que os falantes consideram como um modelo.

Biderman (2001) considera que a norma ideal seja definida com base em uma variável diatópica, considerando o eixo Rio-São Paulo.

Contrariamente a Biderman, Quilis (1982 apud Mestre, 1999) indica que o modelo de pronúncia não deve ser caracterizado diatopicamente, deve ser determinado diastraticamente, pertencendo a um estrato culto, preferencialmente de nível médio.

Acreditamos que se as variações forem frequentes em âmbito nacional – e não apenas regionalismos – deverão ser registradas. Percebemos também que a decisão de incluir as variantes depende da extensão e do tipo de dicionário. Em uma breve consulta em dicionários monolíngues e bilíngues do inglês podemos observar que eles geralmente indicam as pronúncias britânica e americana. Nas obras do português vimos que nos dicionários monolíngues são mostradas as variações de pronúncia e nos bilíngues não.

Expostos os questionamentos que permeiam o assunto por nós levantado e o arcabouço teórico sobre o tema, passemos para as análises dos dicionários.

ANÁLISE DOS DICIONÁRIOS

Nos dicionários estudados, reproduzimos e analisamos os guias de pronúncia presentes no *outside matter*. Observamos na microestrutura qual sistema de notação é utilizado para anotar a pronúncia dos estrangeirismos, das palavras homógrafas e das letras e sons que são ambíguos. E por último verificamos se os dicionários contemplam a diversidade fonética da língua portuguesa.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

O dicionário Aurélio utiliza letras e acentos da língua portuguesa para registrar a pronúncia na microestrutura, a apresentação é feita entre parênteses em seguida da palavra-entrada. Essa obra não registra a pronúncia de todas as entradas, aponta a ortoépia de algumas palavras para esclarecer a pronúncia quando o caso é passível de dúvida nos seguintes casos: das vogais **e** e **o** quando têm a pronúncia fechada e não recebem acento gráfico; da ortoépia dos ditongos orais abertos; com a exclusão do trema na grafia a pronúncia da letra **u**; e a pronúncia normativa da letra **s** seguida do **b** mudo⁸. Em (1) apresentamos alguns exemplos:

- (1) cunhete (ê)
vinculador (ô)
bodas (ô)
boia (ói)
subsequente (qüen)
subsistência (sis)

A pronúncia dos estrangeirismos é registrada com a utilização do AFI. A representação é fonética e está entre colchetes; logo após a transcrição, entre parênteses, é indicada a língua de origem do estrangeirismo como vemos em (2):

⁸ Muitos falantes do português brasileiro pronunciam com [z] a sequência “bs”, muito provavelmente pela assimilação do vozeamento da letra b, o dicionário, no entanto não mostra essa possibilidade de pronúncia que é bastante profícua.

- (2) scherzo [ˈskɛʁtso] (It.)
storyboard [ˈstɔɪjbɔɪd] (Ingl.)
teenager [ˈtiːneɪdʒə] (Ingl.)
croissant [kʁwaˈsɑ̃] (Fr.)
sashimi [sɑʃimi] (Jap.)

As palavras homógrafas, nas quais a diferença de significação se dá pelo acento prosódico, estão separadas em duas entradas e são contempladas em (3):

- (3) colher (é)
colher (ê)

Os homógrafos de corte estão separados em duas entradas, no entanto o dicionário não mostra a pronúncia aberta (ó), somente fechada (ô), o mesmo ocorre para **lobo**. Em *sede* e *soquete*, o Aurélio só aponta a ortoépia do (ê).

Os homógrafos de **forma** estão divididos em duas entradas, esse caso o dicionário trata diferentemente dos outros, ele acentua a pronúncia fechada com o acento circunflexo diretamente no lema e faz a seguinte observação: “de *forma*, com mudança de timbre” (Ferreira, 2010:970) e não há nenhuma informação sobre a pronúncia aberta.

A letra **x** é a letra mais ambígua da língua portuguesa, dado que possui quatro sons diferentes, todavia o dicionário Aurélio inclui, ao lado do lema, somente dois sons da **x**, como verificamos em (4):

- (4) hexágono (cs)
toxina (cs)
taxinomia (tàcs)
executar (z)
existência (z)

O dicionário não mostra os casos em que a letra **x** é pronunciada com [s] (*exceto*, *exclamar*) e [ʃ] (*taxa*, *peixe*).

A obra em análise não fornece explicações em relação às variações de pronúncia da nossa língua, excetuando a ortoépia das palavras que podem ser faladas com ou sem trema. Em (5) mostramos dois exemplos:

- (5) liquescer (ques ou qües)
liquidificador (qui ou qüi)

As considerações acerca de como o dicionário Aurélio trata da pronúncia na microestrutura serão mostradas posteriormente e concomitantemente com as ponderações que tecemos sobre o dicionário Houaiss, pois ambos os dicionários registram a pronúncia da mesma maneira.

Passamos agora para reprodução e análise do guia de pronúncia do Aurélio, o guia está presente no outside matter e é composto de três páginas.

O dicionário começa mostrando os símbolos fonéticos de acordo com o AFI, em seguida oferece informações de fonética articulatória e por último, quando o som tem correspondência em português, são dados exemplos⁹:

Vogais

Λ posterior semiaberta, como no ingl. *funk*, *rush*; próxima da vogal neutra [ə], mas geralmente acentuada, e pronunciada com a língua mais recuada e a boca mais aberta.

e semifechada anterior; como no port. *ver*, *verde*.

o semiaberta posterior; corresponde aproximadamente ao /o/ aberto, como em *sorte*.

y fechada anterior; sem correspondente em port.; a boca na forma do /u/, com a língua na posição do /i/. É a pronúncia do *u* fr., como em *fondue*, *déjà vu*; e do *ü* do alemão, como em *Kümmel*, *über*.

Consoantes

g velar sonora; como no port., *gato*, *açougue*.

ʒ fricativa palatoalveolar sonora; como no port. *jogo*.

⁹ A sequência e exemplos é um resumo das transcrições feitas a partir do dicionário, sofrendo apenas algumas alterações.

l contínua (sem fricção); a língua não chega a tocar o céu da boca, i. e., não produz oclusão; é o som representado tipicamente pelo r do ingl.: *rock-and-roll*, *software*.

ç fricativa palatal; sem correspondente em port.; a fricção é semelhante à pronúncia do [ʃ], mas o dorso da língua é recuado, i.e., levado à parte posterior do palato, como no al. *Reich*.

Semivogais

w bilabial; pronuncia-se como o /u/ semivogal de ditongo, no port. *quadro*, *chapéu*.

j palatal; pronuncia-se como o /i/ semivogal de ditongo, no port. *boi*, *herói*, *colégio*.

Sinais especiais

ɑ representa a vogal aberta posterior na pronúncia do ingl.; é semelhante ao [a], mas realizada com a língua em posição mais recuada e a boca um pouco mais fechada e arredondada; ingl. *shop*, *top*.

' sinal que precede a sílaba tônica

: indica duração completa (ou longa).

Em seguida, o dicionário apresenta um quadro listando os símbolos fonéticos usados na transcrição de palavras e expressões estrangeiras, oferece a classificação fonética de acordo com o IPA e por último traz um exemplo:

Quadro 1. Lista dos símbolos fonéticos (adaptado do dicionário Aurélio)

Símbolo AFI	Classificação AFI			Exemplo
	Consoantes			
ə	Consoante desvozeada	fricativa	dental	bluetooth ['bluwtuwə] (ingl.)
Ts	Consoante desvozeada	africada	alveolar	pizzicato [,pit.tsi'kato] (it.)
ʂ	Consoante desvozeada	fricativa	retroflexa	feng chui [fəŋʂwèj] (chin.)
	Vogais			
ʌ	Vogal arredondada	posterior	meio-aberta	cup [kʌp] (ingl.)
u	Vogal arredondada	posterior	fechada	não surimi (suri' mi)
ɚ	Vogal arredondada roticizada	central	meio-aberta	não t-shirt [tɪj.ʃɚt] (ingl.)
	Diacríticos			

-	Tom alto (tom 1 do chinês mandarim)	shantung [ʃ'ān'qūn] (chin.)
˘	Breve	ad interim [ad'intèrem] (lat.)
·	Vogal anteriorizada	ad infinitum [ad'ɛn'finɛto(m)] (lat.)

Acreditamos que o guia de pronúncia do Aurélio, presente no *outside matter*, é de boa qualidade para os estrangeirismos. O mesmo contém informações sobre fonética articulatória, isso é importante para saber como se pronunciam os fonemas que não existem na língua portuguesa. Havendo um correspondente em português o dicionário dá um exemplo deste idioma auxiliando, dessa maneira, o usuário a identificar a letra correspondente daquele fonema. Nos casos em que não há correspondência a obra ensina como se produz determinado fonema mostrando quais pontos de articulação devem ser utilizados para a sua produção.

Consideramos que o quadro apresentado é desnecessário, pois a maioria das explicações se repete em relação à primeira parte do guia de pronúncia. Ao invés de trazer o quadro seria interessante que o dicionário utilizasse esse espaço tecendo algumas considerações sobre a ortoépia da língua portuguesa, porém não o faz.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

O dicionário Houaiss anota a ortoépia de algumas palavras para esclarecer a pronúncia nos casos que podem gerar dúvidas aos consulentes. A pronúncia na microestrutura é registrada nos seguintes casos: informa sobre o fechamento das vogais **e** e **o** quando não recebem acento gráfico; indica a pronúncia dos ditongos orais abertos; esclarece a pronúncia da letra **u** com a exclusão do trema na grafia; orienta sobre a ortoépia dos hiatos; instrui como se pronuncia, segundo a gramática normativa, a letra **s** seguida do **b** mudo; e indica o som das vogais tônicas de timbre aberto que não recebem acento gráfico, quando se trata de vocábulos terminológicos ou não muito correntes. A informação fônica é mostrada logo após a palavra-entrada e está entre barras invertidas, como vemos em (6):

- (6) armazenador \ô\
 nervo \ê\
 ipomeia \éi\
 caixana \a-i\

linguista \gü\
subsídio \sí\
cateter \tér\

A indicação da pronúncia dos estrangeirismos segue o que é recomendado pelos estudiosos, é apontada no Houaiss com a utilização do AFI e os símbolos estão entre barras invertidas. Em seguida da transcrição o dicionário mostra, de maneira abreviada e entre colchetes, a língua a que pertence o estrangeirismo. Seguem exemplos em (7):

- (7) forfait \fɔʀ'fɛ\ [fr.]
paella \pa'eʎa\ [esp.]
recall \ɹ'kɔl\ [ing.]
scherzo \'skertso\ [it.]
weltanschauung \'vɛltanʃawun\ [al.]

A maneira de tratar as palavras homógrafas segue o mesmo modelo do dicionário analisado anteriormente. Elas estão separadas em duas entradas e seguidamente ao lema, entre barras invertidas, é mostrado se a vogal é aberta ou fechada. Em (8) apresentamos alguns exemplos:

- (8) forma \ó\
forma \ô\
corte \ó\
corte \ô\
lobo \ó\
lobo \ô\

O dicionário Houaiss não segue um padrão na apresentação dos homógrafos, em algumas palavras são mostradas a pronúncia aberta e a fechada, em outras somente a fechada, como por exemplo, **colher**, **sede** e **soquete**, o Houaiss só aponta a ortoépia do (ê).

Nas palavras que contêm a letra **x**, o dicionário inclui, ao lado da palavra-entrada, as letras **cs**, **z** para mostrar as diferentes pronúncias, contempladas em (9):

- (9) hexacampeão (z, cs ou gz)
taxiar (cs)
êxito (z)
exercer (z)

O dicionário Houaiss, assim como o dicionário Aurélio também não mostra os casos em que a letra **x** é pronunciada com [s] (*têxtil*, *exclamar*) e [ʃ] (*xícara*, *graxa*).

Landau (1991) acredita que as variações de pronúncia devem aparecer na microestrutura do dicionário, logo após a palavra-entrada, e é dessa maneira que o Houaiss faz. A obra em análise contempla três casos de variação: informa sobre a possibilidade de se pronunciar o **e** aberto ou fechado; apresenta as palavras que podem ser pronunciadas com ou sem trema; e indica as variações de pronúncia do prefixo **hex-**. O exemplos são dados em (10):

- (10) topete \é ou ê\
líquido \qu ou qü\
hexagonal \z, cs ou gz\

As informações fônicas exibidas na microestrutura dos dois dicionários analisados por nós nesse estudo estão em conformidade com o que é defendido por Welker (2004), o qual acredita que para a língua portuguesa não é obrigatório que a pronúncia esteja presente em todas as entradas, mas somente nas palavras que possam gerar dúvidas e a indicação da pronúncia pode ser feita com a utilização de acentos e letras da nossa língua.

Nas obras em análise o registro da pronúncia dos estrangeirismos é feito de acordo com o AFI e sendo assim segue o que é indicado pelos lexicógrafos. A indicação da pronúncia para os estrangeirismo é uma informação fundamental e deve ser feita utilizando o AFI, dado que nem sempre há o mesmo respaldo fônico entre as letras da língua de origem dos estrangeirismos e a língua que os incorpora.

Não dispomos na língua portuguesa falada no Brasil de uma pronúncia descritiva, em função disso os dicionários gerais, inclusive os que estamos analisando fornecem poucos esclarecimentos com relação à pronúncia de palavras que variam, se fossem contemplar todas as variações os dicionários teriam que considerar e representar a diversidade fonética do português brasileiro.

Na sequência reproduzimos e analisamos o guia de pronúncia do Houaiss, o qual é composto por uma página¹⁰.

Para começar o dicionário define ortoépia e transcrição fonética. A primeira é a indicação normativa da pronúncia de um vocábulo, enquanto a segunda é uma indicação apenas informativa. Explica que a ortoépia é fornecida em verbetes da língua portuguesa, e a transcrição fonética em palavras e locuções de outras línguas.

O dicionário explica no outside matter as informações de pronúncia presentes na microestrutura. Para melhor visualização dividimos a explanação, contida no Houaiss, em sete tópicos:

a) o timbre das vogais tônicas fechadas **e** e **o**, quando não são acentuadas graficamente, por exemplo, gaveta \ê\;

b) os hiatos, por exemplo, distribuidor \u-i...ô\;

c) o som da letra **x**, por exemplo, hexágono \z, cs ou gz\;

d) o timbre dos ditongos orais abertos, por exemplo, ideia \éi\;

e) com a queda do trema a pronúncia da letra **u**, por exemplo, linguiça \gü\.

f) o som das vogais tônicas de timbre aberto que não recebem acento gráfico, especialmente quando se trata de vocábulos terminológicos ou não muito correntes, por exemplo, cateter \tér\.

g) no caso das entradas que são vocábulos ou locuções estrangeiras o registro da pronúncia se dá pela transcrição fonética, utilizando o AFI para esse fim, por exemplo, *déjà-vu* \de'ʒa vy\.

Em seguida, o dicionário explica os diacríticos utilizados na transcrição fonética:

a) ['] acento de intensidade - indica, nos vocábulos de duas ou mais sílabas, que a sílaba seguinte a esse diacrítico é a tônica.

¹⁰ Destacamos que a sequência e exemplos é um resumo do guia oferecido pelo dicionário, sofrendo apenas algumas modificações.

b) [-] acento melódico - indica se a curva melódica se mantém no mesmo nível ao longo do vocábulo, por exemplo, a palavra japonesa kana \kãna. Ou se ao contrário, decai a partir de certo ponto, por exemplo, aikido \aj̃kido:\.

c) Tom lexical – nas línguas tonais, o tom lexical é representado por um acento gráfico agudo [´] (tom alto) ou grave [˘] (tom baixo), ou por um algarismo alceado junto à sílaba em que ocorre.

d) [:] duração – após uma vogal indica se ela é longa, isto é, se tem duração maior que a duração padrão das vogais na língua.

Ao final das explicações, o dicionário argumenta que no caso das variações de pronúncia entre o inglês norte-americano e o britânico, foi optado por representar a primeira delas, por ser mais corrente no mundo de hoje.

Depois de elucidar como o dicionário Houaiss trata da informação fônica na obra é oferecido um quadro das vogais e outro das consoantes. Os quadros contêm os símbolos fonéticos, o ponto e modo de articulação e exemplos:

Quadro 2. Vogais (adaptado do Dicionário Houaiss)

ɛ	Vogal semiaberta, anterior, não arredondada	Port. pé, Fr. adresse
ʌ	Vogal semiaberta, anterior, não arredondada	Ing. Bus
ɪ	Vogal de grau de abertura entre fechado ([i]) e semifechado ([e]), posição da língua entre anterior e central, não arredondada	Ing. Big
U	Vogal fechada, posterior, arredondada	Port. Lua Fr. boulevard
u	Vogal fechada, posterior, não arredondada	Jap. Shiatsu

Quadro 3. Consoantes (adaptado do dicionário Houaiss)

K	Consoante oclusiva velar surda	Port. Cama
θ	Consoante fricativa dental surda	Ing. Thiller
ϕ	Consoante fricativa bilabial surda	Jap. Tofu Gr. Physis
ʎ	Consoante aproximante lateral alveolar velarizada	Rus. Kulak
ʎ	Consoante aproximante lateral palatal	Port. Calha It. passacaglia Esp. Paella
R	Consoante vibrante ou fricativa uvular	Fr. Raffiné

Consideramos o guia de pronúncia do Houaiss, disponível no outside matter, o melhor entre os dois dicionários analisados. É um guia conciso, mas que oferece esclarecimentos pertinentes e não repetitivos. Expressa a ortoépia da língua portuguesa,

o que auxilia o usuário nativo e o aprendiz da nossa língua. Apresenta um quadro com os símbolos do AFI utilizados para transcrever os estrangeirismos, nele constam informações de fonética articulatória e exemplos no português e na língua estrangeira, o que contribui para a decodificação dos fonemas.

Nas nossas análises buscamos conferir se os dicionários auxiliam o aprendiz nas atividades orais, nas quais as informações fonéticas são necessárias para se conhecer a pronúncia das palavras e também se auxiliam o falante nativo nas dúvidas que ele possa ter na pronúncia dos estrangeirismos e das palavras que variam no próprio idioma.

A opção de registrar a pronúncia pelas letras do alfabeto, como as obras em análise fazem, pode funcionar bem entre os falantes nativos que estão familiarizados com os sons de sua língua, mas não funciona entre aprendizes estrangeiros, que podem não saber como se pronuncia uma letra e podem utilizar os equivalentes da sua língua (Landau, 1991).

A nosso ver, o aprendiz da língua portuguesa terá algumas dúvidas ao se defrontar com a maneira de indicar a pronúncia escolhida pelos dicionários Aurélio e Houaiss, pois ainda que exista uma grande coincidência entre a grafia e a pronúncia, no português diversos sons e letras são ambíguos. Por exemplo, a letra **x** do português pode ser pronunciada com quatro fonemas /z/, /s/, /ʃ/ ou /ks/. Se um dicionário de língua portuguesa deixar de indicar a pronúncia do **x** não ficará claro para um consulente estrangeiro como essa letra deve se pronunciada. Por esse motivo não compreendemos a ausência de dois dos quatro possíveis sons da letra **x**.

Acreditamos que para todas as letras e sons que são ambíguos deveria ser registrada a pronúncia na microestrutura. Os diferentes sons das letras **c**, que pode ser pronunciada [k] e [s]; do **g**, que dependo do ambiente em que se encontra é falado [g] e [ʒ]; do **s**, que se pronuncia com [s] e [z], não são expostos nos dois dicionários analisados.

A nossa sugestão para resolver o problema das letras e sons ambíguos e da equivalência do som de duas línguas diferentes é de que a pronúncia seja registrada na microestrutura empregando os símbolos do AFI. Wells (1985) é partidário da utilização do AFI, afirmando que o uso dos símbolos fonéticos ajuda resolver a ambiguidade ortográfica de algumas consoantes.

Queremos salientar novamente a relevância do guia de pronúncia, pois é difícil para os usuários que não têm conhecimento do AFI a decodificação de símbolos de difícil compreensão. Se nos guias constarem informações de fonética articulatória, a

exposição dos grafemas, depois os símbolos fonéticos e exemplos das consoantes e dígrafos que se pronunciam diferentemente de uma língua para outra contribuiria para a decodificação dos fonemas.

Outro problema considerado por nós é que as obras não seguem um padrão bem definido em relação aos homógrafos, pois já que os dicionários analisados se propõem em trazer a indicação ortoépica deveria fazê-lo em todas as ocorrências e não só em algumas, principalmente pelo fato de as palavras terem diferença de significação devido ao acento prosódico ser aberto ou fechado.

Consideramos que os dicionários analisados não auxiliam o aprendiz do português nas possíveis dúvidas que ele poderia ter quanto à pronúncia. Cremos que o dicionário Houaiss seja um pouco melhor por tecer no *outside matter* explicações da ortoépia da língua portuguesa. O dicionário Aurélio lança as letras do alfabeto para registrar a pronúncia na microestrutura e não explica o que significa aquelas letras mostradas logo após a entrada.

A informação fônica se repete nos dicionários estudados, as obras registram a pronúncia da mesma maneira e para as mesmas entradas. Nas análises feitas inferimos que dicionários oferecem as indicações de pronúncia somente para os falantes da língua portuguesa, já que estes conhecem os sons da sua língua e provavelmente não teriam dúvidas com as consoantes ambíguas. No entanto se um falante nativo tivesse dúvidas quanto à variação mais aceita de uma palavra ficaria sem esclarecimento, tanto no Aurélio quanto no Houaiss são mostradas as variações, mas os dicionários não dizem qual das formas se usa mais, qual é a mais indicada.

Os dois dicionários acertam ao registrarem a pronúncia dos estrangeirismos utilizando o AFI, o que evita a impressão de que as palavras estrangeiras sofreram adaptação dos sons da língua de chegada. Utilizar letras da nossa língua não seria a melhor escolha, pois a transcrição feita através desse método pode gerar confusão ao usuário que está acostumado a associar as letras aos sons da sua língua. Tomemos como exemplo a letra ‘h’ que para os falantes de português é uma consoante muda, já para os ingleses é uma consoante que tem som.

O guia de pronúncia nos dicionários analisados é bastante bom para saber a pronúncia dos estrangeirismos. Os quadros expostos são completos, mostram os grafemas, depois os símbolos fonéticos e são oferecidos exemplos. As obras contêm informações de fonética articulatória, mostram os modos e pontos de articulação de todos os fonemas auxiliando dessa maneira o consulente na decodificação e ensinam

como se pronunciam alguns fonemas não existentes na língua portuguesa contribuindo dessa forma para a habilidade oral do usuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dicionário não deve ser tomado apenas como um simples depósito ou acervo de palavras, ao contrário, deve ser um guia de uso e, como tal, tornar-se um instrumento pedagógico de primeira linha, auxiliando o consulente nas mais diversas tarefas na aprendizagem de um idioma.

Os consulentes quando procuram a pronúncia de uma palavra estão em busca de esclarecimentos que os capacitem a uma comunicação mais efetiva da língua e eles têm no dicionário uma importante ferramenta a seu dispor, nem sempre perfeita, mas muito útil, que pode levá-los a compreender melhor uma nova palavra, e propiciar uma produção mais correta e exata na habilidade oral.

Verificamos nas análises dos dicionários que nem sempre a maneira como as indicações da pronúncia aparecem dentro da microestrutura ajudam o consulente a localizar rapidamente a informação desejada e, em muitos casos, não permite nem mesmo que o consulente entenda que tipo de explicação está sendo oferecida. O *outside matter*, no qual está presente o guia de pronúncia, poderia elucidar possíveis dúvidas dos usuários ao se depararem com os símbolos aplicados na microestrutura. Acreditamos que um guia de pronúncia bem elaborado facilita a compreensão do consulente e é uma peça fundamental para o sucesso do usuário nas respostas que ele busca quanto à informação fônica.

A pronúncia representa o aspecto físico, o corpo da língua, ela também expressa os sentimentos e emoções do falante, por isso a aquisição de uma proficiência oral é importante e os dicionários têm grande potencial de se tornarem uma ferramenta a mais no auxílio dos usuários no momento da produção oral, com foco na pronúncia.

Para finalizar em se tratando da informação fônica mais vale pecar por excesso do que por deficiência, um dicionário exaustivo será mais útil a mais pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda M.; ANTUNES, Letizia Z. 2001. Dicionário básico italiano-português. In: OLIVEIRA, A.M. P. P., ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 127-130.

ARAÚJO, Edna Maria V. M. 2007. *O dicionário para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino e aprendizagem*. 234 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

BEJOINT, Henri. 1981. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics*, v. II, n. 3, p. 207-222.

BEVILACQUA, Cleci R.; HUMBLÉ, Philippe. R. M.; XATARA, Claudia. (orgs.). 2011. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial.

BIDERMAN, Maria Teresa C. 2001. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A.M. P. P., ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 131-144.

COSERIU, Eugênio. 2004. Sistema, norma e falar concreto. In: . *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, p. 119-125.

FERREIRA, Aurélio B. de H. 2010. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Positivo Editora, Curitiba.

HÖFLING, Camila. 2006. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 373 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. 2009. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LANDAU, Sidney. 1991. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: CUP.

MESTRE, Antonio. R. 1999. La transcripción fonética automática del diccionario electrónico de formas simples flexivas del español: estudio fonológico en el léxico. *Estudios de Lingüística del Español*, 4, Barcelona. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies4/>. Acesso em: 25 ago. 2015.

QUILIS, Antonio; CASADO-FRESNILLO, Celia; MARCOS, Rafael. 1999. Dos diccionarios de pronunciación: el primer Diccionario de pronunciación española en CD-Rom con audio y el primer Diccionario de pronunciación del español de España y de Hispanoamérica. *Revista Española de Lingüística* 29, Madrid, p. 434-454. Disponível em: <http://www.uned.es/sel/pdf/jul-dic-99/29-1diccionarios%20de%20pronunciacion.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SVENSÉN, Bo. 1993. *Practical lexicography: Principles and methods of dictionary-making*. Oxford: Oxford University Press.

SVENSÉN, Bo. 2009. *A handbook of Lexicography. The theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: CUP.

WELLS, John C. 1985. English pronunciation and its dictionary representation. In: Ilson. R. *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon Press.

WELKER, Hebert A. 2004. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus.

ZANATTA, Flávia.; BUGUENÕ MIRANDA, Felix. 2008. A normatividade em dicionários gerais de língua portuguesa. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G; MARTIN, V. L. de R. (Orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, p. 1-20. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlciv/lport/pdf/slp21/05.pdf>. Acesso em 24 mai. 2015.

